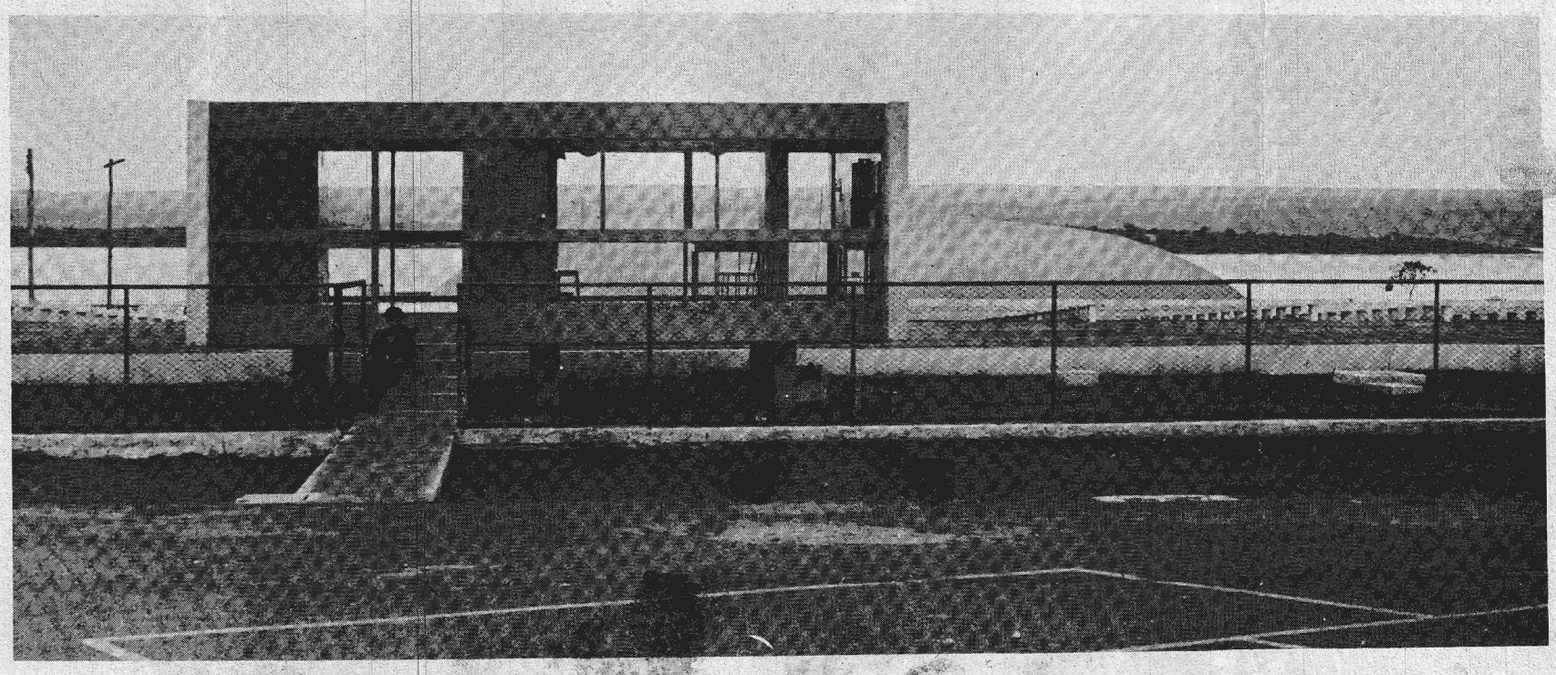
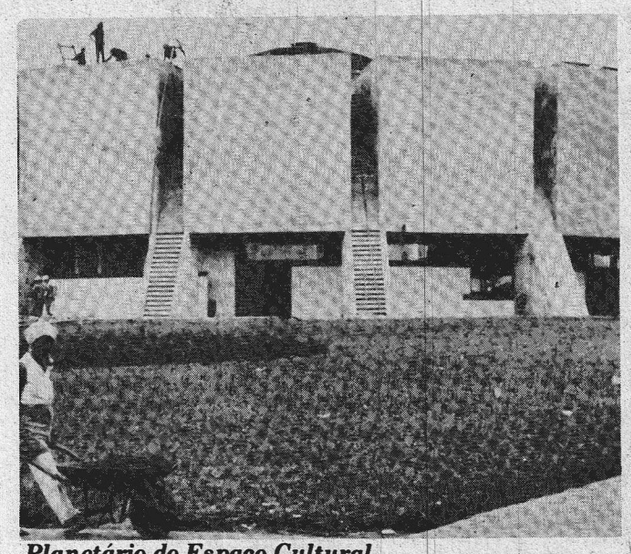
A infra-estrutura cultural do DF

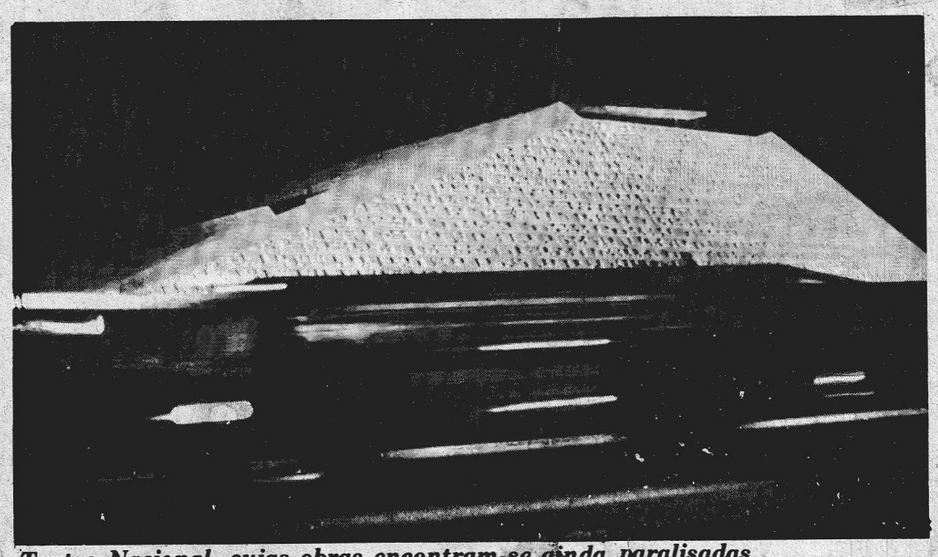
Reportagem de Maria José Pires



A Concha Acústica completamente abandonada



Planetário do Espaço Cultural



Teatro Nacional, cujas obras encontram-se ainda paralisadas

Dentro do Plano Piloto formulado pelo Prof. Lúcio Costa, existe toda uma filosofia para dotar a Capital brasileira de infra-estrutura cultural. E, ainda: de ambiente de lazer e diversões. Todavia, depois de aproximadamente três lustros, ainda não foi montada uma estrutura que satisfaça ao habitante de Brasília, nem ao turista, no que se refere com os detalhes da vida noturna, principalmente.

O visitante da cidade se queixa da falta de casas de espetáculo, à noite. Todos concordam que Brasília é metrópole voltada para o trabalho, mas desprovida de centro de reuniões sociais, onde se possa "fazer higiene mental", depois do dia trabalhoso. Os pontos existentes são considerados deficientes, e as praças - até as praças - poderiam ser dotadas de elementos capazes de agradar.

Inegavelmente, o turista aponta aquilo que também o morador de Brasília reclama. As autoridades conhecem a situação e se preocupam com isso, desejando aprofundar as promoções culturais. O Secretário de Educação Wladimir Murtinho sugeriu a formação de um Grupo de Trabalho, já instalado, com a finalidade de implantar uma política de desenvolvimento cultural, que abranja aspectos os mais diversos dessa procura de satisfação, que existe nos grandes centros e onde o indivíduo encontre motivos de relaxamento das tensões vividas na obrigação diária dos escritórios, das repartições públicas ou dos tribunais.

De acordo com Lúcio Costa, o centro de diversões da cidade mistura, em termos adequados, o Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées. Localiza-se na plataforma superior debruçada sobre o setor cultural e a Esplanada dos Ministérios. Esse planejamento não foi totalmente executado. O objetivo e constituir um corpo arquitetônico contínuo, com galerias, amplas calçadas, terraços e cafés, concentrando cinemas e teatros. A idéia é que as várias casas de espetáculos sejam ligadas por travessas no genero tradicional da rua do Ouvidor, das vielas venezianas, galerias cobertas e articuladas a pequenos pátios com bares e cafés, propiciando ambiente adequado ao convívio e à expansão. Isto está sendo timidamente esboçado hoje, mas deixando muito a desejar quanto ao plano inicial.

A criação do espaço cultural, quando ainda não foi terminado o Teatro Nacional foi um dos pontos comentados por Lúcio Costa no recente Seminário de Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília, que enfocou o alto investimento e a sabida limitação de recursos. Isto não quer dizer que ele não deva ser executado, uma vez que está dentro do planejamento, mas que haja continuidade na execução das obras já iniciadas.

O Teatro Nacional, como sala de espetáculos a ser dotada de todos os recursos necessários, deverá funcionar integralmente. Sucede que ali tudo parou. Por exemplo, a sala Villa Lobos esteve durante muito tempo transformada num simples depósito. Recentemente foi limpa e espera-se que tenha suas obras retomadas como foi amplamente divulgado.

Quanto ao Espaço Cultural, o que significa realmente! Na realidade não é apenas mais um grupo de salas de espetáculo. Sua função na verdade é facultar a complementação educacional, como centro de criatividade artística. São cinco salas dotadas de uma variante de 200 a 1.300 lugares que se destinam à apresentação de espetáculos, filmes e promoções audiovisuais, "visando essencialmente a participação de estudantes, de um lado, e a população de outro, no processo criativo".

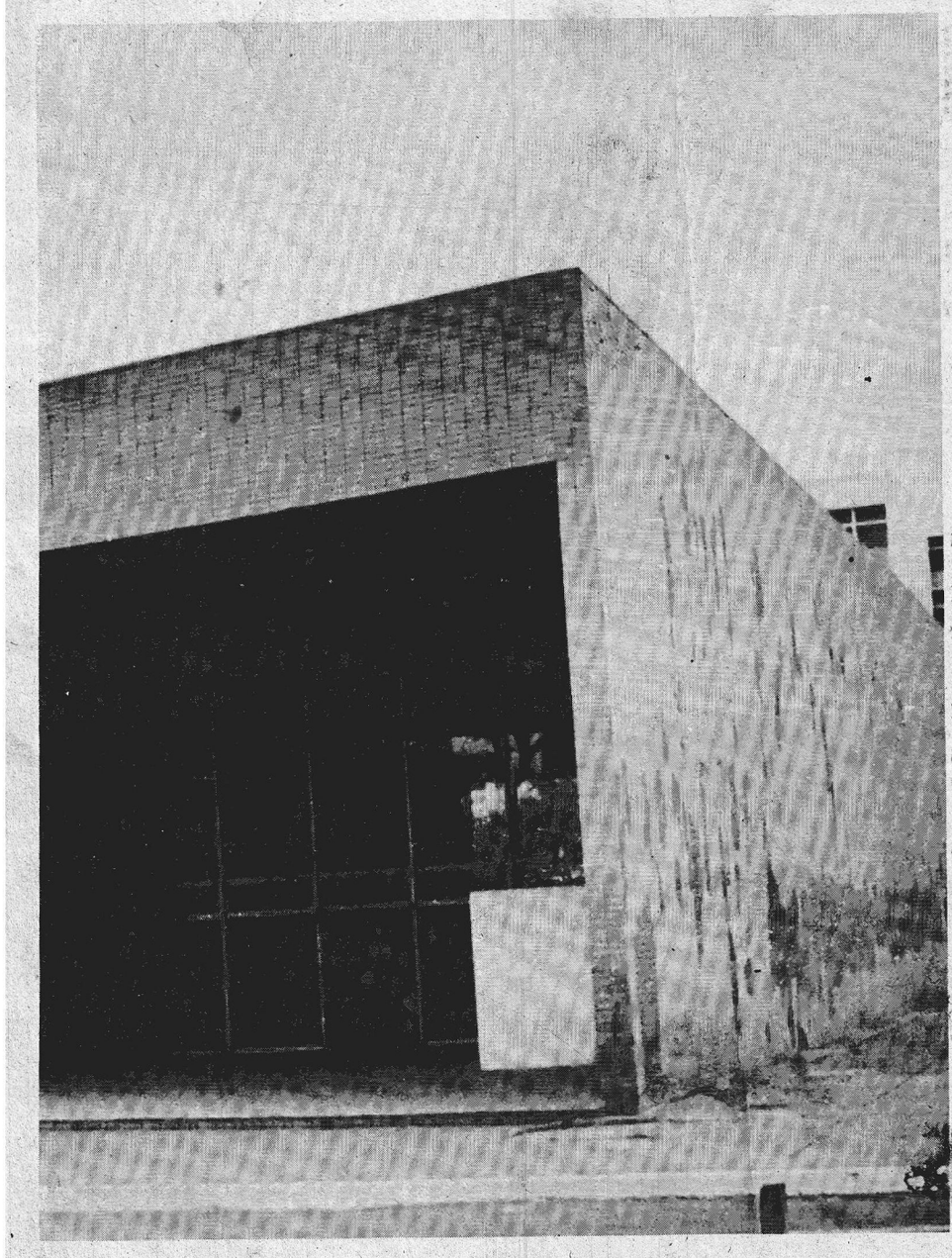
Na verdade, Brasília possui um planejamento de infra-estrutura cultural que, se totalmente realizado, tal como foi planejado, permitirá "um efetivo trabalho de difusão cultural e participação da população na criatividade".

Entretanto, hoje o que se tem em funcionamento é apenas a sala Martins Pena, no Teatro Nacional, o cinema Cultura que é utilizado para exibição de alguns filmes de arte, a concha acústica inteiramente abandonada, o cinema Brasília, fechado há muito tempo, a pequena biblioteca do INL, que possui um serviço de "slides" e que não é franqueada ao público por falta de pessoal adequado para o manuseio do material. O Museu Antropológico que, devido à pouca divulgação, quase não é conhecido pelos habitantes. Quanto ao que há por terminar ou cujo planejamento está feito, tem-se um Instituto de Altos Estudos Brasileiros, o Centro Nacional de Documentação e Bibliotecas, O Museu de Imagem e Som, ainda inacabado.

Por outro lado vê-se o auditório da Escola Parque transformado em centro principal de difusão. Embaixadas procuram aquele auditório para suas promoções cinematográficas, palestras e toda sorte de movimentos culturais. Locais que sejam cedidos àqueles que tem alguma coisa a dizer são travados pelo excesso de burocracia. Um exemplo é o que aconteceu há algum tempo a uma professora de teatro, que para desenvolver seu trabalho utilizava-se de um galpão numa das cidades-satélites, depois de se ver impedida de continuar os ensaios da peça que pretendia apresentar, por motivos de somenos importância. Resultado: além da decepção do grupo, inclusive de operários, ela tentou ainda por algumas vezes solucionar a questão, mas desistiu e foi para onde lhe oferecem pelo menos as condições mínimas.

Por outro lado, ocorre distorção na má utilização de locais como acontece com o Ginásio. Espetáculos que por sua característica não devem ser apresentados em áreas maiores, por perderem muito de sua comunicabilidade, ali são apresentados, quando o ideal seria um local bem menor.

Para as exposições, dispõe a cidade da sala de exposições do Setor de Difusão Cultural. Lá existe também uma sala de conferências que, entretanto, quase não é utilizada. Na via W/3 existe ainda uma outra sala de exposições, onde se concentram as apresentações e que foi remodelada recentemente para atender às necessidades.



Cine Brasília, em reformas há muito tempo